



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**LAILTON CORDULINO BARBOSA**

**ESTÁGIO E A ATUAÇÃO DO ALUNO DE HISTÓRIA: medos, anseios e desafios.**

**GUARABIRA  
2017**

**LAILTON CORDULINO BARBOSA**

**ESTÁGIO E A ATUAÇÃO DO ALUNO DE HISTÓRIA: medos, anseios e desafios.**

Trabalho de Conclusão de Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

**GUARABIRA**  
**2017**

B238e Barbosa, Lailton Cordulino.  
ESTÁGIO E A ATUAÇÃO DO ALUNO DE HISTÓRIA:  
[manuscrito] : medos, anseios e desafios. / Lailton Cordulino  
Barbosa. - 2017  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Mônica de Fátima Guedes de  
Oliveira, Departamento de Letras e Educação - CH."

1. Estágio. 2. Curso de História. 3. Docência.

21. ed. CDD 373.27

LAILTON CORDULINO BARBOSA

**ESTÁGIO E A ATUAÇÃO DO ALUNO DE HISTÓRIA: MEDOS, ANSEIOS E  
DESAFIOS**

Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
licenciado em História.

Aprovada em: 13/11/2017

**BANCA EXAMINADORA**

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB  
(Orientadora)

Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa  
Prof. Ms Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa  
Faculdade Mauricio de Nassau-FMN  
(Examinadora)

Aline de Fátima da Silva Araújo  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB  
( Examinadora )

**GUARABIRA  
2017**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me conceder meu livre arbítrio, me conceder uma ótima família e mesmo não merecendo me enchendo de graças. E aos outros deuses (caso o meu Deus não seja verdadeiro), dedico meu respeito, e de antemão peço perdão por minhas heresias, incluindo com o Deus que creio.

A minha família (não dedico em específico pois seria egoísmo de minha parte, e de notória insensibilidade por nomes esquecidos ou ocultados), pelo apoio em minha jornada acadêmica e humana, e por todos os momentos de alegria e dor que já vivemos juntos.

A minha orientadora Mônica de Fátima Guedes de Oliveira pela sempre disponibilidade, paciência e gentileza que teve comigo no decorrer do processo de orientação.

A Coordenação do Curso de História, pela sempre gentileza na receptividade quando a procurava, e por serem pessoas tão humanas, pelo apoio pedagógico e em especial pelo carinho.

A todos e todas aos professores (as) do Curso de História, que foram profissionais competentes nos ensinado e nos orientando no processo de aprendizagem, não irei citar nomes, me perdoe Carlos Adriano, Nayara, Regina, Susel, Elisa, Ruston, Flavio, Aline, Gilvan, tia Joedna e demais pois tenho uma memória péssima e sei que esqueceria de muitos de vocês, por isso dedico meu muito obrigado a todos.

Aos meus colgas do Curso em especial o meu trio favorito Alexandre, Alex e Wellington por todos os momentos que passamos juntos e até mesmos os separados, vocês fizeram a diferença em minha vida quando se trata de amigos nesta instituição e não esquecendo da minha e para sempre amada amiga Idalina, que já fez parte desse curso, mas que hoje se encontra em outros caminhos.

E em especial a minha noiva, Francisleide Alves da Silva, pela paciência, companheirismo, amizade e colaboração durante toda a minha jornada acadêmica.

A todos o meu muito obrigado.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
METODOLOGIA.....	8
2 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO.....	9
2.1 A JORNADA TEÓRICA DO ESTÁGIO, ÁRDUA, MAS INSPIRADORA .....	10
2.2 DA TEORIA DO ESTÁGIO PARA A PRÁTICA DE FATO .....	15
3 PROPOSTA PARA O ESTÁGIO NA ÁREA DE HISTÓRIA .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
ABSTRACT.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

## **ESTÁGIO E A ATUAÇÃO DO ALUNO DE HISTÓRIA: MEDOS, ANSEIOS E DESAFIOS**

Lailton Cordulino Barbosa<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma discursão a respeito da formação teórica do discente em História, tentando também, apresentar os principais medos, anseios e desafios do mesmo quando se remete ao campo do estágio, supervisionado de monitoração ou regência, sendo este campo de exercício fundamental para o futuro docente, visto que é o mesmo que irá estabelecer seu perfil profissional. Para conseguir realizarmos tal discursão usaremos como metodologia neste trabalho os três campos norteadores da História enquanto ciência como pilares teóricos do curso de História, os apresentando de forma sucinta e posteriormente o problematizando em relação a sua prática, pondo em vista suas características benéficas e adversas para sua realização em sala de aula, sempre levando em consideração questões práticas como planejamento e livro didático utilizado. As propostas que iremos apresentar ao fim deste trabalho, tenta levar em consideração a formação social e profissional do discente, sendo que o mesmo se constituirá enquanto pessoa com uma trajetória de vida social, econômica e política se fazendo assim levar todos esses aspectos em consideração quando o estagiário faz sua escolha metodológica ou varia entre as que possuem. Cabendo assim ao curso de História guiar e aproveitar de melhor forma possível esses elementos interpessoais do discente de seu curso para melhora-lo e aperfeiçoar.

**Palavras-Chave:** Estágio. Curso de História. Docência.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: lailton-lcb@hotmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

Tendo como objetivo delimitador desse trabalho o campo de estágio e suas possíveis experiências vividas em seu decorrer, através da preparação teórica, ou como muitos autores preferem fundamentação teórica, que irá dá consciência de métodos, abordagens e formulas pedagógicas afim de preparar o estagiário discente para a real prática, pondo desta maneira suas próprias formulas metodológicas em exercícios os proporcionando acertos e eventuais erros e seus conflitos.

Com a finalidade de ser fazer jus ao objetivo de estudo deste trabalho, iremos descrever e analisar o campo do estágio de forma a se fazer refletir acerca do processo de construção da identidade profissional do futuro docente enquanto discente, trazendo assim elementos fundamentais para a formação do mesmo durante o período de exercícios práticos de nossa carreira, como a procura por planejamento, e a escolha de um método eficaz para cada momento quando nos referimos a uma aula positivista, metódica ou mais contemporânea, levando em consideração conceitos fundamentais do campo da História, que é intrínseca no processo de formação dos discentes deste campo.

Se fazendo assim, uma tentativa de reflexão de todo o processo que norteia o campo de estágio e suas dificuldades, a fim de facilitar o esclarecimento a respeito das dúvidas durante o procedimento do mesmo.

Para a realização de tal discursão ao decorrer deste trabalho, iremos aborda o campo do estágio através de leituras feitas a partir do assunto e experiência vivida na área tentando estabelecer ligações eficientes entre a teoria e prática, ao se fazendo a escolha de uma metodologia e a sua forma de abordagem de acordo com uma das vertentes da História.

## **METODOLOGIA**

Para a realização de tal discursão ao decorrer deste trabalho, iremos aborda o campo do estágio através de leituras feitas a partir do assunto durante a própria disciplina de estágio e experiência vivida na área tentando estabelecer ligações eficientes entre a teoria e prática, ao se fazendo a escolha de uma metodologia e a sua forma de abordagem de acordo com uma das vertentes da História.

## 2 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO

O estágio é um período compreendido por grande maioria dos ingressantes dos cursos de ensino superior como algo demasiado esperado e muito importante, pois o mesmo confirmará e reafirmará suas vocações, ou, os mostrar a distinção entre escolha profissional e o que possamos chamar “nascido para a coisa”, mesmo que esse último seja algo muito subjuntivo.

Na formação inicial dos professores a importância do estágio não é diferente das demais, assim como Pimenta e Lima nos apresenta em uma de suas obras:

O exercício de qualquer profissão é a prática, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagradas como bons. (PIMENTA e LIMA 2011, p. 35)

Desta forma, podemos constatar que sempre haverá uma cobrança da instituição como formadora do novo profissional, como por parte do próprio discente (neste caso o novo futuro professor), porém não devemos esquecer jamais das cobranças no próprio campo de experiências, sendo assim o estágio seja supervisionado ou prático é esperado pelos estudantes dos cursos de licenciatura com muita expectativa.

Sem nenhum exagero afirmamos que o estágio por ele só é considerado um “tabu”, pois até então para muitos discentes da licenciatura, o único contato que tiveram até então com a sala de aula foi na condição de alunos regular, mas que agora os papéis se invertem, tendo que assumir a função de professor, por isso esses estudantes em sua grande maioria, carregam consigo muita ansiedade quando o assunto é estágio e o que ele nos espera.

Porém há também no campo de estágio outros que criam ou sentem certas expectativas, é o caso dos docentes regentes das escolas onde exerceremos o estágio, pois apesar destes docentes já terem passado pelo estágio como aprendizes, não importando como foi seu desempenho, medos e ansiedades, muitos deles parecem ter si distanciado de suas lembranças a respeito dos fatos ocorridos nesse importante período de sua formação inicial. E é nessa perspectiva, que muitas vezes se dá a procura por resgatar essas memórias adormecidas pelo tempo de sua formação, mas que agora são revitalizadas no momento em que tais professores recebem estagiários na condição de formadores ainda em fase de formação, seja teórica ou prática.

Seria tentador abordar todos esses momentos que perpassam o “estágio” e no sentido de compreendê-lo como via fundamental na formação do professor, que é, e se faz essencial

considerá-lo como “meio” que possibilita a relação teoria-prática, seja desenvolvendo os conhecimentos do campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, administrativos, como também conhecimentos da organização do ambiente escolar, entre outros fatores.

Nesse sentido, podemos compreender como objetivo central do estágio como sendo a realização da aproximação da realidade escolar com a acadêmica, para que o aluno possa perceber os desafios que a carreira lhe oferecerá, refletindo sobre a profissão que exercerá, integrando-o saber fazer – obtendo (in)formações e trocas de experiências, afinal o processo educativo é mais amplo e exige do profissional da licenciatura diversas habilidades como Pimenta e Lima nos revela em seu livro *Estágio e Docência*:

O processo educativo é mais amplo, complexo e incluir situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este. Parece-nos que, em um certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas, instrumentos e recursos para o desenvolvimento de determinadas habilidades *em situação*. Portanto, a habilidade que o professor deve desenvolver é saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas (PIMENTA e LIMA 2011, p.39).

Portanto a proposta apresentada neste trabalho é trazer uma discussão a respeito da teoria e prática juntamente com a aplicação de suas técnicas, ou como preferimos trazer uma reflexão a respeito do “sonho e realidade” do estágio, porém pontuando ou se assim preferir caro leitor, dando um enfoque especial nas dificuldades por nós discentes/estagiários a escolher um método ou abordagem profissional para a realização de nossas aulas práticas. Para tal debate usaremos como fundamentação de abordagens os três métodos que norteiam a ciência histórica: o positivismo de Auguste Comte, o materialismo histórico de Marx e Engels e a Nova história de Marc Bloch na seção a seguir.

## 2.1 A JORNADA TEÓRICA DO ESTÁGIO, ÁRDUA, MAS INSPIRADORA

Antes mesmo de irmos ao campo de estágio como de praxe, toda instituição ou a maioria, irar procurar proporcionar aos seus discentes meios metodológicos ou concepções do mesmo sobre a visão futura e realidade do campo de estágio. Serão essas leituras a respeito do assunto que proporcionará ao discente/estagiário condições de forjar sua futura abordagem para o seu dia-a-dia em sala de aula, ou ao menos, procurar por uma metodologia que lhe sirva conforme a necessidade durante a sua jornada como educador, é no campo de estágio que segundo Pimenta e Lima,

A identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar. Sendo o estágio, por excelência, um lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade [...] (PIMENTA e LIMA, 2011, p. 62).

Dessa maneira, nos é apresentado “opções” e suas “intenções” do curso em licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como fundamentos deste campo os três métodos norteadores desta ciência, cada uma idealizada e pensada para cada momento histórico, mas que por se tratarem de pilares de nossa formação e que fazem parte do processo de fundamentação discutida de forma quase que exaustiva, perpassam o campo teórico de nosso desenvolvimento indo ao campo prático, esses métodos ao qual chamamos de norteadores são: **o positivismo, o materialismo histórico e a Nova história.**

Que por escolha bibliográfica de fácil compreensão, procuramos conceituar cada um destes métodos que direciona de maneira simples levando em consideração os estudos e conforme defendido por Márcia Hipólide, e ao término da apresentação destes métodos procuraremos demonstrar a sua posição na prática em sala de aula, fundamentada em relação ao campo de estágio e em experiências vividas no desenvolver do campo prático. Segundo Hipólide (2009, p.13) os métodos norteadores da História são:

- Positivismo - Fundado na França por Auguste Comte durante o século XIX, defendia de forma geral que as avaliações científicas devem estar aparadas pelas experiências, apoiando-se na doutrina que afirma que todos os fatores sociais devem seguir uma natureza precisa e científica, desta forma e nessa perspectiva com o positivismo a História tradicional tomou como característica principal uma ciência que estuda fatos sociais, econômicos, políticos e culturais ocorrido no passado da humanidade, sendo de acordo com essa linha metodológica de pensamento as pesquisas sobre o passado sendo pautadas rigorosamente em fatos comprovados por documentos e escolhidos da mesma forma reunidos por um historiador, que iria apresentar seus estudos numa linha temporal, nessa visão os imperadores, chefes militares e presidentes seriam os protagonistas da humanidade sendo posto de lado ou apagado a contribuição de toda a sociedade. A História positivista seria assim, uma ciência estática, valorizando apenas as ações de quem esteve no poder, os grupos sociais dominantes, em detrimento de todos os componentes que fazem parte de tal sociedade (HIPÓLIDE, 2009).

- Ainda no século XIX surgiu o que os historiadores chamam de materialismo histórico, uma metodologia desenvolvida por Karl Marc e Friedrich Engels, através desse método se acredita que determinado “fato” histórico traz consigo variantes responsáveis pelas suas transformações, desta forma dando ou formando um novo “fato”, esse processo foi chamado algum tempo depois de “processo dialético”. Na verdade o materialismo histórico inseria as massas trabalhadoras como protagonistas das mudanças políticas, econômicas e sociais durante a História da humanidade, pois seus idealizadores defendiam que toda riqueza produzida por uma sociedade era promovida por uma relação de poder construída através das relações de produções, ou seja, toda sociedade corresponde a sua infraestrutura, e essa definirá a organização do Estado e suas leis, da moral e religião nos diferentes períodos da História da humanidade (HIPÓLIDE, 2009).
- A Nova História ou História das mentalidades, teve como percurso o historiador francês Marc Bloch, esse método analisa e investiga de maneira mais minuciosa possível as alterações no pensar e agir do ser humano do decorrer dos tempos. Indo de contraponto ao positivismo, os historiadores adeptos a Nova História valorizam os fatos presentes, e de forma também oposta ao método marxista, focam seus estudos em como as pessoas pensavam, se organizavam e produziam suas riquezas em sociedade a partir de uma análise no tempo presente, ou seja, segundo essa visão a História seria uma ciência que estuda o presente das diferentes sociedades e abre um diálogo com as que viveram no passado, com a finalidade de analisar as mais diferentes maneiras de viver da humanidade em diversos tempos e espaços sociais (HIPÓLIDE, 2009).

De forma objetiva acabamos de descrever as principais vertentes nos estudos da História, porém, como elas se aplicam de fato e de direito numa realidade escolar? Conseguimos como estagiários conhecedores até então de teorias a respeito de como dá aula, abordar temas e seguir uma linha temporal e correlacionada a algum desses métodos acima citados? Nesse momento lembro aqui do professor Leandro Karnal em um de seus livros a respeito da prática na nossa profissão:

A faculdade antecipa pouco essa experiência real. Onde eu enfio Piaget e Vigotsky quando vou fazer a chamada? Dúvidas banais substituem os grandes temas da psicopedagogia: coloco “P” ou “ponto” para a presença? [...] Agora só ocorrem perguntas triviais e pouco nobres: é permitido rasurar o diário? Será que eu posso autorizar a ida ao banheiro daquele aluno que está de pé desde que eu entrei? (KARNAL, 2016, p.16).

Sabemos que pode parecer banal, mais é dessa forma que se dá a primeiro momento nosso encontro com a sala de aula, somos seres cheios de conhecimentos teóricos transbordando enquanto ambiente acadêmico, quando nos encontramos no ambiente “sala de aula” nossas teorias se vão em grande maioria por água a baixo, e quem pode nos salvar nesse momento? O que pode nos fazer lembrar de nossos métodos historiográficos?

A resposta é simples em teoria, e damos nome a ele, costumamos chama-lo de “planejamento”, ele que vai em algum momento entre a ansiedade e a necessidade de continuar com o trabalho te fornecer o meio para realização desse processo continuado, ou como afirma Simone Selbach:

É impossível improvisar uma boa aula e, ao entrar em sala, todo professor precisa estar ciente **do tema que vai apresentar e por que vai apresentá-lo**. Qualquer tema de qualquer disciplina é sempre **parte de um todo que necessita sempre se ligar ao que foi mostrado antes e aos assuntos que virão depois**. Um equívoco que alguns professores cometem é justamente não possuir essa visão abrangente e não mostrá-la com extrema clareza a seus alunos. (SELBACH, 2010, p. 127).

Porém, mesmo estando em mãos o nosso planejamento, ainda precisamos pensar como nos será útil em sala de aula (por isso durante a leitura anterior nos referimos ao planejamento como uma atividade simples na teoria). Pensar em um planejamento flexível é algo difícil e as vezes impossível, esse planejamento muitas vezes pode pesar na aula quando iremos pôr em prática um dos métodos do pensar e vê a História, mas que provavelmente só iremos conhecer qual melhor se adequa a nossa realidade com o passar do tempo, e da vivência em sala de aula.

Neste caso em específico, antes mesmo de pôr em um contexto um de nossos pilares metodológicos da História, precisamos ao menos de um modelo de planejamento. Com essa finalidade iremos usar o planejamento que julgamos para o momento oportuno apresentar, o modelo escolhido seria o PILETTI. Que segundo Azevedo (2003, p. 60) tal modelo pode servir para:

[...] a organização de aulas tanto fundamentadas em propostas didáticas centradas na ênfase da transmissão de conteúdos (preleção, memorização) quanto em propostas calcadas em uma perspectiva de reflexão crítica e mesmo voltadas para uma

construção ativa do conhecimento por parte dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Esse modelo de plano de aula permite tal flexibilidade teórica por não exigir um detalhamento mais complexo das ações de aula, podendo assim ser considerado um modelo genérico de plano. Para o docente iniciante pode não exigir reflexão mais aprofundada acerca da aula, inclusive, pode permitir que o professor não relacione os vários aspectos do planejamento. O risco da utilização desse modelo de plano para o professor novato é o de incidir em incoerências ou até mesmo em uma simplificação da aula, o que já em um curto prazo pode levar o docente iniciante a um descrédito quanto aos efeitos do ato de planejar (AZEVEDO, 2013, p.11).

Como podemos ver, esse planejamento tem em sua estrutura pedagógica suas vantagens e ao mesmo tempo seus riscos, porém, como dá uma aula sem a flexibilidade de um bom planejamento? Ainda mais quando esse poderá permitir variar entre os três métodos norteadores da História “**o positivismo, o materialismo histórico e a Nova história**” aqui propostos a analisar.

O esquema formal de tal modelo de PILETTI é apresentado da seguinte forma:

<b>Tema central:</b> Antiguidade clássica e mundo feudal.		
<b>Objetivos;</b> Compreender a dinâmica das relações interpessoais e culturais do homem-natureza e da expansão territorial na antiguidade clássica e feudal, analisar e compreender como se deu as primeiras relações ente os povos e suas relações comerciais, e verificar possíveis conflitos na estrutura social que se estabelece a partir desse contexto de forma a problematizá-la de acordo com nossa visão contemporânea do assunto.		
<b>Conteúdo:</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação homem-natureza.</li> <li>• Das origens do homem ao neolítico.</li> <li>• Diferentes formas de organização da produção.</li> <li>• Escravismo antigo.</li> <li>• Cidadania e democracia na Antiguidade.</li> <li>• Diferentes formas de organização da produção: o feudalismo</li> </ul>		
<b>Procedimentos de ensino:</b>	<b>Recursos:</b>	<b>Procedimentos de avaliação:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura de imagens e textos.</li> <li>• Leitura de texto.</li> <li>• Leitura de imagem.</li> <li>• Texto complementar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jornais e revistas.</li> <li>• Documentários.</li> <li>• Filmes.</li> <li>• Viagem de campo. (seria um sonho visitar a Europa)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em sala.</li> <li>• Leitura dos textos.</li> <li>• Pontualidades na entrega das atividades solicitadas.</li> <li>• Avaliação escrita.</li> </ul>

Fonte: Azevedo, 2013, p. 11

Pronto finalmente nosso planejamento, temos em mãos nossas teorias, fomos todos orientados por nossos professores supervisores do curso, já temos conhecimento do espaço escolar onde vivenciaremos nosso estágio, já temos em nossas mentes fervorosa as indicações e aconselhamentos dados por professores regentes de onde iremos estagiar, agora só nos restar entrar em sala e usar nosso método mais adequado para lecionar. Porém qual método seria esse? Ele seria aplicável em qualquer realidade? Iremos discutir esse aspecto, de como seria difícil a escolha conceitual de um método em particular para lecionar especificamente a disciplina de História, se há ao menos três que pode nos proporcionar ótimos momentos em sala de aula.

Conforme apresentado acima um modelo de planejamento, é notório em sua leitura a proposta metodológica baseado nos pilares da Nova História, porém, fico entristecido em revelar que em mais de uma vez fui metódico positivista, não que isso seja de todo ruim, afinal não devemos esquecer jamais da contribuição da escola metódica e sua importante colaboração para a História como hoje conhecemos, o que me fez utilizar de uma metodologia que não faz meu perfil foi de certa forma necessidade de tempo ou simplesmente conseguir dar mais aulas, já que como Pimenta e Lima tão bem descreve,

Essa profissão situa-se na contradição do discurso da valorização do magistério e das políticas de educação que normatizam inovações sem levar em conta as relações de trabalho dos professores. Assim, mesmo acreditando em si e na profissão, o estagiário pode esbarrar no contexto, em situações de desgaste, cansaço e desilusão dos profissionais da educação, nas condições objetivas das escolas, muitas vezes invadidas por problemas sociais, cuja solução está longe de sua área de atuação [...] (PIMENTA e LIMA, 2011, p.65).

Inúmeras vezes fui vítima consciente desta contradição.

## 2.2 DA TEORIA DO ESTÁGIO PARA A PRÁTICA DE FATO

Não é fácil de maneira alguma para o estagiário o primeiro encontro prático com a sala de aula e com o ambiente escolar, muitas vezes somos vistos quase que como “carne nova” por nossos alunos que se sentem desafiados a nos provocar afim de saber até onde se vai nossos limites psíquicos, ou em contrapartida por nossos futuros colegas de profissão que logo trata de nos encaminhar as “ordens” do dia, - o sexto ano é o pior! Lá pode ter certeza que nem vai conseguir dá aula. E assim por diante. Isso acontece como descrito por Leandro Karnal em seu livro conversando com um jovem professor que descreve bem esse primeiro momento:

[...] o banho realístico veio antes da sua solene entrada na turma. Começou na sala dos professores. Colegas deram conselhos práticos: “Não mostre os dentes no primeiro dia”. Para quem não está acostumado a essa linguagem, significa não sorrir de imediato para não perder o controle da sala. Os mais experientes soltaram risadinhas: “Você vai ver aquela sétima B”! A advertência é quase uma praga ou, talvez, um desejo velado de que você fracasse. [...] Outros não toleram sua juventude ou entusiasmo. Ouça a todos. Porém, nunca se esqueça: a fala do colega diz respeito, exclusivamente, à experiência dele e não à sua. O aluno problema dele talvez seja apenas dele e a turma fácil talvez não flua tão bem com você (KARNAL, 2016, p. 16).

Desta forma, tendo sempre em mente a última parte da citação acima a respeito das experiências do outro, temos que pôr em práticas as nossas. Da mesma forma que Inês Barbosa de Oliveira, descreve;

Criando “maneiras de fazer” (caminhar, ler, produzir, falar), “maneiras de utilizar”, tecendo redes de ações reais, que não são e não poderiam ser meras repetições de uma ordem social/de uma proposta curricular ou de formação preestabelecidas e explicadas no abstrato[...] (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

Com a finalidade de construir nossas práticas em sala de aula recebemos um livro que servirá como norteador de nossas aulas, a essa ferramenta damos o nome de livro didático (uma ferramenta pedagógica), na grande maioria dos livros didáticos de História os fatos e acontecimentos ali retratados em sua grande maioria é de fundamentação positivista, visto que conta apenas a História a partir da visão do conquistador/rei/governante/autoridade. Para se fugir dessa postura a qual o livro didático nos induz Oliveira diz:

[...] os educadores e educadoras que estão nas escolas tecem redes de práticas pedagógicas que, através de “uso e táticas” de praticantes que são, inserem na estrutura social/curricular criatividade e pluralidade, modificadores das regras e das relações entre o poder instituído e a vida dos que a ele estão, supostamente, submetidos. (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

Porém, de fato como acontece uma aula sobre a Antiguidade clássica e mundo feudal, se utilizarmos do positivismo de Auguste Comte no contexto acima citado? De acordo com essa linha mais clássica da história, a visão disseminada em uma aula dessas seria a de uma sociedade dividida sobre classes sociais bem distintas entre si, onde cada indivíduo nascido em uma dessas classes sociais estaria a ela vinculada por toda sua vida, e esta sociedade funcionaria de forma aceitável como uma pirâmide, onde o rei seria o topo, um verdadeiro líder, e conhecedor das necessidades de seu povo mesmo que esse povo não saiba o que seja

melhor para si, cabendo ao rei e ao clero (segundo na ordem social) a lidar com a insatisfação popular em nome do bem esta comum, e que o povo (a base da pirâmide social) teria que aceitar tais acontecimentos por não saberem o que é bom para sua comunidade. Desta forma esta leitura do livro didático se torna estática como afirma Hipolide:

A História positivista assume, assim, um caráter de ciência estática, valorizando apenas as ações de quem esteve no poder, os grupos sociais dominantes, em detrimento de todos os seres humanos que compuseram as sociedades. A maioria das pessoas que viveu no passado fica à margem da construção da História (HIPOLIDE, 2009, p.13).

Mesmo que o livro didático nos induza a fazer essa leitura, há pontos positivos nesse contexto para que se haja uma ressignificação se utilizando de práticas pedagógicas, visto que seria uma ótima ideia montar a partir desse tipo de visão peças teatrais ou contos que retratasse o momento histórico possibilitando haver uma tentativa de reviver o momento ao qual o professor/estagiário acabaram de apresentar.

A mesma aula, abordada com o materialismo histórico de Marx e Engels, nos apresentaria a mesma sociedade definida em três classes sociais distintas, com a mesma formação de poder, porém iria enriquecer as discursões a respeito do modo de produção da época, conflitos econômicos, políticos e territoriais, pois nessa perspectiva histórica o povo seria também partícipe na sociedade e das relações de produção, o povo agora seria responsáveis por revoltas e movimentos que poderia interferir de modo significativo em sua estrutura social, sendo assim tomando novamente as ideias de Hipolide:

Percebemos aqui um avanço na análise histórica, uma vez que na concepção materialista a História é uma ciência que analisa a luta existente no interior das diversas sociedades entre produtores e proprietários e as transformações sociais, políticas e culturais daí surgidas (HIPOLIDE, 2009, p.14).

Essa linha histórica mesma que na prática enquanto método de ensino ainda continua com caráter positivista, visto que ainda vai proporcionar cobranças de conhecimento do aluno pelo professor, podendo proporcionar ao professor/estagiário uma discursão mais ricas a respeito da exploração entre as classes da sociedade ao qual se propões estudar/analisar, proporcionando ao professor com uma turma bem preparada ótimos momentos de debates entre as diferentes concepções das classes sociais da época ao qual se estuda.

A mesma aula sobre Antiguidade clássica e mundo feudal, sendo ministrada com base na formação da Nova História de Marc Bloch, focaria seus estudos em como as pessoas

pensavam, como acontecia os jogos de poder e seus conflitos, como se organizavam e produziam suas riquezas em sociedade a partir de uma análise no tempo presente, ou seja, segundo essa visão a História seria capaz de levar não só o professor/estagiário mas os alunos também ao estudo desse passado através deste momento presente, podendo comparar com nossa sociedade sendo capaz de abrir um diálogo com as que viveram no passado, com a finalidade de analisar as mais diferentes maneiras de viver da humanidade em diversos tempos e espaços sociais (Hipolide, 2009).

[...]a História é uma ciência que estuda o presente das diferentes sociedades e abre um diálogo com as que viveram no passado, com a finalidade de analisar as mais diferentes maneiras de viver da humanidade em diversos tempos e espaços (HIPOLIDE, 2009, p.15).

Tornando assim uma aula mais prazerosa e com mais possibilidades pedagógicas para os professores.

### **3 PROPOSTA PARA O ESTÁGIO NA ÁREA DE HISTÓRIA**

Como podemos descrever e analisar, o processo de estágio não se dá de forma tão fácil ou intuitiva, tendo que ser levado a sério e bem elaborado por seus discentes para que no final desse processo possa sair ao menos com um esboço do que podemos chamar de identidade profissional do futuro professor. Esse processo de construção de identidade é pessoal e coletiva, visto que a sociedade também espera um modelo de professor e suas rupturas em relação a prática abordado por Pereira e Martins:

No âmbito da profissão, embora não de forma unívoca, temos que ter uma consistente, nesse sentido é possível construir a prática social de uma intenção de ruptura, procurando superar a identidade atribuída e fazendo desse atributo a possibilidade de ruptura, o que significa exatamente essa possibilidade de produção de práticas que estejam sintonizadas com as demandas postas pela realidade. Não há práticas prontas e acabadas, mas práticas construídas de acordo com as demandas, carências e necessidades que são postas socialmente (PEREIRA, MARTINS, 2002, p. 121).

Por esse motivo o campo de estágio, em especial ao estágio dos discentes em História deve buscar valorizar a procura do perfil metodológico de abordagem para o “lecionar” de acordo com a identidade profissional de cada discente, pois a construção do perfil dos

discente enquanto futuro docente, conforme Pimenta citado por Pereira e Martins nos apresenta:

[...] a identidade do profissional da educação não é, pois, algo estático, fixo e não suscetível de mudanças. Pelo contrário, é um dado mutável, dinâmico, não é externo de tal forma que possa ser adquirido e emerge de um contexto histórico como resposta às necessidades postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA apud PEREIRA e MARTINS, 2002, p. 122).

Este por sinal é um grande desafio as instituições, pois, formar novos profissionais não é uma tarefa difícil, mas qualificar, construir identidades e suas práticas próprias é algo preocupante para qualquer instituição de ensino superior que foque no crescimento profissional e intelectual de seus recém-formados. Por este motivo se faz tão importante o processo fundamentador do estágio, pois o mesmo, com o intuito de dar significação à prática de cada futuro docente em seu cotidiano ou em sua realidade, durante o estágio deve saber avaliar os valores, histórico de vida, representações, saberes e angústias, anseios e sentido que tem o profissional professor em seu decorrer. Levando ainda em consideração os relacionamentos entre seus pares nas escolas/campos de estágios ou em espaço acadêmico considerando a sua atuação e o seu engajamento como futuro profissional docente, para que possa orientar seus futuros passos.

Portanto devemos ao estágio cada nova forma de se ensinar, cada conteúdo trabalhado, cada experiência particular, que só poderia ser entendido por um conjunto de circunstâncias que as tornassem possíveis, que ainda permitissem o envolvimento de cada história de vida dos sujeitos em interação, pondo em prática uma formação em relação a uma realidade específica, construindo assim experiências e saberes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi discorrido durante todo este trabalho, e podendo assim ser problematizado durante a leitura do mesmo, a importância que se faz o campo de estágio no processo formativo de qualquer profissão em especial ao do discente em História. Visto que é neste momento que é apresentado ao ainda discente em História fundamentos teóricos, a fim de preparar e introjetar métodos aos quais se utilizará por toda a vida profissional destes novos docentes.

Faz-se nítida a assim, o papel do estágio como momento preparador e separador da teoria (leituras, problematizações, reflexões e etc.) e prática (planejamentos bimestrais, registros, relatórios e etc.), pois o estágio irá trabalhar com as propostas autênticas que se é encontrada nas escolas em relação ao social, cultural e econômica de cada localidade, sendo que em cada uma se é apresentada de forma distinta às demais, sempre demandando novas abordagens para sanar as necessidades de cada localidade.

E como vimos em nosso trabalho, essas novas abordagem que se faz necessária nessas variáveis, só nos será possível se abordamos bem nossos conceitos fundamentais, pois é a parti deles que um docente em História capacitado conseguirá elaborar para cada realidade encontrada a melhor forma de transmitir/construir/colaborar novos conhecimentos, sempre levando em conta a história de vida, social, cultural e econômica de cada coletividade encontrada em suas futuras salas de aula, ou em um espaço macro, nas escolas.

Podendo assim, construir com auxílio de seus fundamentos novas formas de abordar temas, refletir conceitos, reelaborar discursos, e revisar construções históricas a partir de cada pilar fundamentador do próprio campo da história, enriquecendo assim não apenas as experiências vividas em sala, mas também todo o processo ao qual se dá em meio ao estágio que se faz nesse caso, como palco para o processo aprendido/prática se fazendo indispensável para a formação deste profissional docente em História.

Sendo a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), um exemplo no que se diz respeito ao momento pensado para a prática de seus discentes, pois a instituição conta com excelentes profissionais docentes, e se preocupa com todo o processo formador teórico de seus discentes, procurando sempre proporcionar aos mesmos o máximo possível de experiência no campo prático, para que ao término desta jornada acadêmica se conquiste mais que apenas novos docentes, mais sim, novos transmissores de conhecimentos, construtores de ideias e colaboradores de uma nova sociedade, mas justa e humana, onde se faz necessário respeitar a diferença e repensar os próprios conceitos.

## **ABSTRACT**

The present work has as main objective to make a discourse about the theoretical formation of the student in History, trying also, to present the main fears, yearnings and challenges of the same when it is sent to the field of the stage, supervised of monitoring or regency, being this field of fundamental exercise for the future teacher, since it is the same that will establish their professional profile. In order to achieve such a discourse, we will use as methodology in this work the three guiding fields of History as science as theoretical pillars of the History course, presenting them succinctly and later problematizing in relation to their practice, in view of their beneficial and adverse characteristics. Their realization in the classroom, always taking into consideration practical questions such as planning and didactic book used. The proposals that we will present at the end of this work, try to take into account the social and professional formation of the student, being that the same will be constituted as a person with a trajectory of social, economic and political life, thus doing take all these aspects into account when the trainee makes his or her methodological choice or varies among the trainees. It is thus up to the course of History to guide and make the best use of these interpersonal elements of the student of his course to improve and perfect it.

**Keywords:** Internship. History Course. Teaching.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Planejamento docente na aula de história: princípios e procedimentos teórico-metodológicos. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 14 (jan. – jun. 2013), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2013. p. 3-28. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 05. 10. 2017.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.

FERRAÇO, C. E. *Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HIPÓLIDE, Márcia Cristina. *O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceitos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

KARNAL, Leandro. *Conversas com um Jovem Professor*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Z. I. O.; PEREIRA, L. P. L. S. A identidade e a crise do profissional docente. In: BRZEZINSKI (Org) *Profissão professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano Editora, 2012. p. 113-132.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SACRISTAN, J. G.; GOMES, A. I. Perez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009.